



360 por Jane Godoy
Graus

Por Jane Godoy • janegodoy.df@dabr.com.br

“Não sobrecarregues os teus dias com preocupações desnecessárias, a fim de que não percas a oportunidade de viver com alegria”

André Luiz para Chico Xavier



A presidente Ângela Canguçu de Mesquita efetiva a passagem do cargo para a nova presidente



Presidente eleita, a embaixatriz do Gabão, Julie-Pascale Moudoute-Bell, faz seu discurso de posse



Ilva Hussain Dayo (Paquistão) e Janete Vaz



Eleni Menegatos (Canadá) e Gabriela Urquiola (ONU)

Posse e confraternização no CIB

O Clube Internacional de Brasília (CIB) foi fundado em 17 de maio de 1973, pela americana Maria Albaneze Koplowitz e pela brasileira Ana Maria Sarcinelli Garcia, visando a perfeita integração social entre mulheres brasileiras e estrangeiras, bem como o intercâmbio cultural, a realização de atividades educacionais e culturais, além de um perfeito e bem elaborado exercício da assistência social.

A promoção da paz entre pessoas de todas as nacionalidades, da troca de experiências e de conhecimento cultural entre os países e o Brasil fizeram do CIB uma instituição organizada e exemplar há 49 anos. Com mandato de um ano, as presidentes se revezam entre uma brasileira e uma estrangeira, em cada gestão.

Na última quarta-feira, foi a vez da brasileira Maria Ângela Canguçu de Mesquita se despedir e passar o bastão para a gabonesa Julie-Pascale Moudoute-Bell assumir a Presidência do CIB.

A cerimônia de posse ocorreu na residência oficial da Embaixada do Gabão, com a presença de grande parte do corpo diplomático e das associadas brasileiras, muitas delas assumindo seus postos nos conselhos Fiscal e Deliberativo, formados também por brasileiras e estrangeiras.

Depois da bela cerimônia e das homenagens, foi servido um delicioso bufê, em volta da piscina, seguido de danças típicas demonstradas por um professor e seguidas pelas convidadas, em total descontração e cordialidade.

Fotos: Neide Cavalcante



Marlene de Sousa, Marlene Bacelar, Iara Castro, embaixador Jacques Michel Moudoute-Bell e Julie-Pascale Moudoute Bell, Maria Ângela, Canguçu de Mesquita, Maria José Santana e Rita Pepitone



Convidados em danças típicas do Gabão, seguindo o professor



Claudia Vryonides (Chipre), Eugenia Herrera Koneff Barragan (EEUU) e Susan Hoy (Irlanda)



Hino Nacional pelo coral do Clube Internacional de Brasília

» NAUM GILÓ

A Vila Planalto é a maior testemunha da construção de Brasília. Os pioneiros chegaram ao local, ainda em 1957, antes mesmo da construção dos primeiros monumentos da cidade modernista idealizada por Juscelino Kubitschek. Localizada entre os palácios do Planalto e da Alvorada, endereço nobilíssimo, seus moradores resistiram, ao longo das décadas, às repetidas tentativas de remoção das famílias do local e à violência praticada pelo Estado no período da ditadura militar (1964-1985).

Leiliane Rebouças dá mais detalhes dessa história em seu novo livro, *Vizinhos do poder: história e memória da Vila Planalto*, lançado ontem. A obra também é um apelo pela preservação do patrimônio arquitetônico da capital do país, que ainda tem as poucas e restantes edificações erguidas em madeira no estilo modernista do Plano Piloto. Essas casas abrigaram engenheiros, empreiteiros e ministros de Estado entre o fim dos anos 1950 e os anos 1960. Exemplos desses imóveis, boa parte hoje em ruínas, podem ser encontrados no Conjunto Fazendinha, na Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Pompeia e na Escola Classe 01 do Planalto, fundada em 1957 e cuja reconstrução é uma reivindicação da comunidade.

“O presidente vai trabalhar em frente à nossa casa e depois vai dormir no nosso quintal.” Essa é a frase repetida entre os moradores, lembrada por Leiliane, e que evidencia a localização privilegiada da Vila Planalto. “Os moradores da vila testemunharam a história não só de Brasília, mas do Brasil. Foi o primeiro lugar fechado pela ditadura na capital e serviu de esconderijo para estudantes da Universidade de Brasília (UnB) que conseguiam fugir das invasões da polícia e eram acolhidos pelos moradores da cidade em seus barracos”, conta a autora, cuja história de vida se confunde com a da Vila Planalto.

Nascida e criada na vizinhança do poder federativo, Leiliane é filha de pai pioneiro que chegou em Brasília antes da fundação e de uma líder comunitária que lutou pela fixação da Vila Planalto. Até a

Autora comenta que os moradores da Vila Planalto sempre observam que “o presidente vai trabalhar em frente à nossa casa e depois vai dormir no nosso quintal”



Carlos Vieira

segunda metade dos anos 1980, o risco de remoção das famílias era constante, mas uma atitude de Leiliane mudou os rumos dessa história. Em 1986, aos 10 anos de idade, ela conseguiu driblar a segurança presidencial e entregou uma carta ao então presidente da República José Sarney. O documento, em nome de todas as crianças da Vila

Planalto, pedia a fixação dos moradores e contava do cotidiano e da situação das famílias que ali viviam. Comovido com o pedido, Sarney a enviou como representante da comunidade para o então governador José Aparecido de Oliveira, missão que ela só topou se fosse acompanhada pelo Grupo das 10, formado por mulheres — entre a elas a mãe

de Leiliane — que lutavam pela permanência e pelo tombamento da vila, que veio em 21 de abril de 1988, dois anos depois.

O início

Em 3 de fevereiro de 1957, foi iniciada a construção do primeiro acampamento de

trabalhadores na região. O local foi escolhido por Peri Rocha França, primeiro engenheiro da Novacap, porque não havia nada previsto para a área no projeto de Lucio Costa e era próximo aos canteiros das obras dos primeiros edifícios de Brasília: o Palácio da Alvorada e o Brasília Palace Hotel. Devido à proximidade

com o centro da capital, o mercado imobiliário ambicionava dar outra serventia para a região e não reconhecia a identidade e a importância dos pioneiros para Brasília, o que tornou a luta pela fixação ainda mais árdua.

“A história, geralmente, é contada pelas grandes figuras, mas o meu livro joga luz no trabalho de homens e mulheres comuns, os candangos, que a princípio eram tidos como os heróis que construíram a capital e, depois, vistos como invasores que enfejavam a cidade modernista”, esclarece a autora. A região chegou a ter 22 acampamentos de construtoras em uma área de 320 hectares. Boa parte foi removida e restaram apenas cinco, dos quais surgiu a Vila Planalto.

Prefácio

Embora a autora tenha buscado informações em pessoas comuns moradoras da região, o prefácio é assinado por um figura da política brasileira e personagem importante dessa história: o ex-presidente José Sarney. “Este livro, que se recusa a ser de história, é na verdade um livro de História, escrito de forma leve, com texto muito claro e breve, e não somente conta sobre o assentamento primeiro, onde começou a construção de Brasília, mas também como nasceu, organizou-se, e conta ainda a vida cotidiana, com dados de fonte primária”, antecipa o ex-mandatário.

Sarney destaca o uso de testemunhos de pessoas comuns para contar a história da Vila Planalto. “Daí a curiosidade de juntar-se aos documentos formais a narrativa da vida particular, as crenças, os ritos, os alimentos, montando com pedaços e fragmentos, encontrados nos locais e idealizados no testemunho oral, as partes como um todo”, analisa. “Assim, a Vila Planalto tem uma heroína, Leiliane — tem também uma escritora e uma historiadora —, e este livro ficará como uma fonte de consulta permanente por aqueles que se interessarem pela História de Brasília, sobretudo pela vida cotidiana, pela vida privada das pessoas mais pobres, os candangos, que tornaram esta cidade Patrimônio da Humanidade”, conclui.